



EDITORIAL

Significados Ocultos da Enfermagem

Wiliam César Alves Machado¹

Sabe-se que as ações de cuidar em enfermagem foram sendo moldadas através da história da humanidade e deram-se, majoritariamente, na esfera do subjetivo que permeia as interações existenciais do ser humano que cuida e daquele que recebe cuidados. Campo fecundo para intercâmbios eletromagnéticos. Suas origens remontam ao cuidado prestado por mães, pais, avós, irmãos e demais familiares incumbidos da responsabilidade de ajudar entes recém-natos, crianças, doentes e idosos em suas necessidades de cuidados para preservação da vida.

Com o advento da hominização, surge a noção do compartilhamento dessa mesma forma de cuidar de todos que comungassem mesmos ideais, crenças, vínculos diversos, tornando o cuidado para com o outro fora da família, de sacerdócio religioso à função exercida com caráter de ocupação e prática social. Desde então, muitas têm sido as investidas para se inserir esta prática, tão antiga quanto a própria história da humanidade, na lógica das ciências convencionais, sobretudo, as da saúde.

Na mesma proporção das investidas emergem antíteses que, de certa forma, causam indignação nos cenáculos da enfermagem, pois nem mesmo seus nichos mais intelectualizados compreendem que a amplitude deste saber e fazer transcende horizontes funcionalistas, deterministas, materialistas, do que se compreende ciência. O conhecimento não se restringe ao que é lógico e explicável, em especial quando produzido no limiar entre concreto e impalpável, como no cuidado de enfermagem.

Após passear pelas convicções de privilegiadas mentes dedicadas ao desafio de compreender de onde viemos, para onde vamos, a nossa estrutura e composição corpórea material, a relação que temos com os universos, a tênue fronteira entre material e imaterial, a relação matéria e antimatéria, a dimensão do visível e do invisível aos olhos humanos, entre outros questionamentos existenciais, pode-se concluir que cabe a enfermagem a sagrada tarefa de interagir com o outro quando este se coloca muito próximo aos domínios do seu Ser Interno. Sua identidade essencial. Afinal, como nos afirma Edgar Morin (2007, p.72), *“cada um de nós é um microcosmo e todos contemos a totalidade do universo”*.

¹ Enfermeiro. Doutor em Ciências da Enfermagem/UFRJ. Professor Adjunto do DEF/EEAP/UNIRIO. Secretário Municipal do Idoso e da Pessoa com Deficiência de Três Rios - RJ. Membro Fundador do Núcleo de Pesquisa e Experimentação do Cuidado Fundamental (NUPPEF), EEAP/UNIRIO. Membro Fundador do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (NUPHEBRAS) da EEAN/UFRJ. E-mails: wilmachado@uol.com.br - wily.machado@gmail.com

Basta que se lembre da fragilidade em que as pessoas se mostram diante da evidente possibilidade da morte; de quão frágeis as pessoas ficam ao ter de expor seus odores internos para suposto estranho que lhe presta cuidados íntimos; da emblemática expressão da criança com medo da dor; da insegurança estampada na face do acidentado em estado grave; enfim, de todas as situações de cuidar em enfermagem que envolvam a busca das pessoas por seu último porto seguro, o inevitável encontro consigo mesmas.

Momentos em que a dependência do outro para com o profissional que presta cuidados de enfermagem pode ser determinante para superar medos, angústias, incertezas, e avançar rumo à superação do estado de saúde agravado para a preservação da sua vida, inclusive, juntando forças para sua plena recuperação. Da mesma forma, precisos para que a pessoa se veja próxima ao precipício que a conduz ao fracasso, aguçando o desequilíbrio corporal, mental, emocional, existencial, despindo-a de forças para acreditar no seu potencial de recuperação, quando o profissional de enfermagem age sem amor, respeito, solidariedade, fraternidade.

Inexplicáveis vórtices de energia positiva convergem para os ambientes do cuidado de enfermagem quando se creditam ações profissionais ao nobre domínio do amor incondicional ao outro, como se ele representasse extensão do seu próprio corpo. São movimentos do que vemos e do que não se vê por sua natureza sublime, subjetiva, transcendente. Aqui, reporta-se às afirmativas do astrofísico Michel Cassé (2007, 28): quando ele diz:

O visível está ligado às propriedades físico-químicas da nossa retina. É a insistência da luz que forjou o nosso olho e o Sol que o educou. Os dois são feitos da mesma substância: os átomos do Sol falam aos átomos dos olhos a linguagem da luz, e a razão por que vemos reside nesta identidade da natureza entre o detector e o receptor.

A proximidade da Semana da Enfermagem nos faz refletir sobre as implicações de sua face oculta, fenomênica, desconhecida da maioria dos profissionais que se dedicam a este saber e fazer, indispensável ao progresso da ciência e da própria humanidade. Com paz interior o profissional de enfermagem alcança meta maior do cuidado, uma vez que a paz não tem começo nem fim; transcende as leis do espaço-tempo, é interior, pode aflorar em qualquer lugar e a qualquer momento, desde que se estabeleça sintonia com ela, como postula Trigueirinho Neto.

REFERÊNCIAS

Morin E, Cassé M. Filhos do Céu: Entre Vazio, Luz e Matéria. São Paulo: Instituto Piaget. Epistemologia e Sociedade; 2007.

Trigueirinho Neto J. Glossário Esotérico: Uma obra dedicada aos tempos novos. 3ª Edição. São Paulo: Pensamento;1997.